

ESTRATÉGIAS DE SUSTENTAÇÃO DO DIÁLOGO
E
A CONCEPÇÃO ADULTA DO DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO

Eleonora Albano M. Maia (Unicamp)

Este é um relatório sobre o andamento de uma investigação acerca dos aspectos interacionais do desenvolvimento fonológico. Na medida em que se tenta relacionar a aquisição da fonologia à interação social e ao diálogo, examinam-se aqui questões que, segundo o meu conhecimento, ainda não foram abordadas na literatura.

Embora o ponto de vista interacional venha ganhando terreno recentemente na área do desenvolvimento da linguagem (e.g., Ochs e Schieffelin 1979), as pesquisas sobre a ontogênese dos sistemas fonológicos ainda se concentram primariamente sobre fatores articulatórios, perceptuais, mnêmicos e maturacionais (e.g. Yeni - Hoshian, Kavanagh e Ferguson 1980). Ao que parece, são duas as razões que levaram os estudiosos da fonologia infantil a hesitar em aderir às atuais tendências interacionistas no estudo da aquisição da linguagem. A primeira é a ausência de um quadro teórico propício à investigação da fonologia do discurso, devido à postura predominantemente segmental da teoria fonológica nos últimos vinte anos. A segunda é o fato de que só recentemente se vêm criando instrumentos adequados à discussão das relações entre a fonologia e os demais aspectos do discurso, tais como a sintaxe, a semântica e a pragmática.

A motivação para o presente projeto provém de duas observações bem conhecidas dos estudiosos do desenvolvimento da linguagem. A primeira é a de que as crianças pequenas apresentam grande variação na realização fonética das palavras do seu vocabulário (Chao 1973), produzindo formas que vão das mais imaturas às mais maduras (i. e., próximas do modelo adulto). A segunda é a de que os adultos acostumados a dialogar com crianças recorrem a uma variedade de estratégias para sustentar o diálogo sempre que a fala da criança se torna ambígua ou difícil de interpretar (Brown 1973, Bruner 1975, Snow 1977). Tais estratégias incluem pedidos de repetição e confirmação, bem como repetições e expansões em tom exclamativo.

Vistas em conjunto, essas duas observações conduzem a três questões básicas para o estudo da fonologia do diálogo criança-adulto:

- (1) É possível prever a maturidade relativa da realização fonética das palavras constantes do vocabulário da criança a partir de uma descrição do contexto semântico e situacional em que elas ocorrem?

- (2) Se é esse o caso, quão sensível é o adulto a essa dependência entre a competência fonológica e a competência comunicativa como um todo?
- (3) Na hipótese de que tal sensibilidade exista, que papel desempenham na sua mediação as estratégias de sustentação de diálogo supracitadas?

Este trabalho é uma tentativa de investigar as duas últimas questões, baseada num estudo preliminar da primeira questão (Maia 1981), que resumirei a seguir.

A observação da variabilidade contextual de pronúncia infantil sugere a hipótese de que as realizações maduras de palavras conhecidas surgem primeira e mais freqüentemente em contextos que a criança já domina semântica e pragmaticamente. A fim de testar essa hipótese, estudaram-se os corpora de duas crianças falantes do português no período compreendido entre as extensões médias do enunciado 1.5 e 2.0¹. Desse corpus, isolaram-se e submeteram-se a uma análise semântico-pragmática aqueles enunciados que não haviam sido eliciados por perguntas² e que soavam maduros do ponto de vista fonológico.³ Calculou-se, a seguir, a freqüência relativa desses enunciados em cada categoria semântico-pragmática postulada.

Os resultados favorecem a hipótese acima. A maior incidência de pronúncias maduras ocorre no contexto da nomeação, que é universalmente o primeiro que a criança consegue controlar lingüisticamente. Outros domínios semântico-pragmáticos que emergem cedo, tais como as descrições de ações e estados, também apresentam um alto índice de boa formação fonológica, se comparados com aquisições mais recentes, tais como as descrições de posse, lugar e instrumento.⁴ Visto que as observações naturalistas têm limitações severas, esses resultados estão, atualmente, sendo testados com dados colhidos em situações melhor controladas. Vale a sugestão, embora provisória, de que os domínios semântico-pragmáticos adquiridos mais cedo possam constituir um contexto privilegiado para a observação da reação adulta ao desenvolvimento fonológico da criança.

Neste trabalho, proponho-me a explorar dois aspectos da sugestão acima. Primeiramente, examinarei as táticas adultas para a sustentação de diálogos iniciados pela criança em situações de variável complexidade lingüístico-cognitiva. Em seguida, voltar-me-ei para a questão de se tais táticas refletem a avaliação adulta da competência fonológica, bem como da competência comunicativa da criança. Posso antecipar que os resultados indicam que os adultos são altamente sensíveis não só ao desenvolvimento fonológico da criança como também à sua relação com o desenvolvimento semântico-pragmático e gramatical.

Os sujeitos são os mesmos que na investigação acima resumida. Os dados consistem de duas amostras de duas horas extraídas de gravações longitudinais em pontos com extensões médias do enunciado 1.5 e 2.0.⁵ Cada amostra compreende quatro sessões de meia hora em que as crianças interagiam com as mães. A análise diz respeito às estratégias de sustentação do diálogo utilizadas pelas mães em resposta a enunciados iniciados espontaneamente⁶ pela criança. Tais estratégias consistem tipicamente em

respostas que não acrescentam nenhuma informação nova além de um comentário implícito sobre a propriedade do enunciado da criança, que pode ser expresso gramatical ou entoacionalmente.

Foram identificados dois tipos básicos dentre essas estratégias. O primeiro é uma tática de questionamento. Essa consiste de pedidos de repetição, que podem ser expressos por palavras convencionais (e.g. "tem?", "ahm?", "como?"), perguntas propriamente ditas (e.g. "O que que foi?") e repetições com entoação interrogativa ou perguntas-apêndices (e.g. "Cabou?"; "Caiu o urso, né?"). O segundo tipo é uma tática de encorajamento. Essa consiste de repetições e expansões exclamativas que expressam confirmação e aprovação (e.g., Barquinho!) ou surpresa e excitação (e.g., Barquinho!). Todos os episódios que envolvem o uso de tais estratégias foram identificados e analisados quanto à natureza semântico-pragmática e fonológica do enunciado inicial da criança. Tal análise revelou que a tendência à utilização dessas estratégias para 'treinamento' fonológico é inversamente proporcional à complexidade semântico-pragmática do enunciado de criança.

O argumento em favor da asserção acima compreende três etapas. A primeira assenta-se sobre o fato de que, no período da extensão média do enunciado 1.5, a distribuição dos pedidos de confirmação e repetição varia com a complexidade semântico-pragmática do enunciado da criança. Quando esse último envolve relações semânticas que costumam ser adquiridas relativamente tarde tais como posse, lugar e instrumento - a pergunta do adulto tende a interpretar e confirmar o significado intentado pela criança. Eis um exemplo típico desse tipo de episódio:

Criança: A tia ... a ['bose] (olhando para a bolsa da pesquisadora)

Mãe: É da tia, é?

Criança: É. (tentando apanhar a bolsa)

Mãe: É da tia e não mexe, tá?

Em contradistinação, quando o enunciado inicial da criança pertence a categorias semântico-pragmáticas de emergência precoce - tais como a nomeação de objetos, o pedido de objetos e a descrição de ações e estados - as perguntas do adulto tendem a constituir pedidos de repetição. Quase sempre, a intenção da criança pode ser depreendida claramente do contexto. Eis um exemplo típico desse tipo de episódio:

Criança: [' ɔy bu 'aw] (apontando para a gravura do Lobo Mau)

Adulto: Eim? (olhando para o gesto da criança)

Criança: 'mbu 'aw... ' y

Adulto: Lobo mau, é?

É...Lobo mau!

A comparação dos exemplos acima sugere que os pedidos de repetição concernem mais à pronúncia que ao sentido, sendo, além disso, utilizados com cautela - i.é., somente quando os aspectos semântico-pragmáticos da situação estão sob o controle da criança.

O próximo passo em nosso argumento é fornecer confirmação independente para a sugestão acima. Tal confirmação provém da comparação dos enunciados que eliciam pedidos de repetição com aqueles que dão lugar a comentários novos e informativos, embora pertencendo aos mesmos domínios semântico-pragmáticos. Conforme esperado, apenas 2% dos primeiros são fonologicamente maduros enquanto 60% dos segundos constituem boas aproximações do modelo adulto.

O passo final no nosso argumento envolve o uso de repetições e expansões exclamativas.⁷ É interessante constatar que tais respostas se associam precisamente àquelas categorias semântico-pragmáticas que eliciam pedidos de repetição. Além disso, a percentagem de boa formação fonológica dos enunciados que desencadeiam tais exclamações é bastante baixa (cerca de 9%). Isso conduz à conclusão de que as repetições e expansões exclamativas, assim como os pedidos de repetição, são comentários sobre a inadequação fonológica do enunciado da criança, surgindo apenas quando aquele pertence a um domínio cognitivo que a criança já domina bem.

Essa conclusão é reforçada pela consideração do período da extensão média do enunciado 2.0. Vale lembrar que, no período da extensão média do enunciado 1.5, as categorias semântico-pragmáticas que desencadeiam pedidos de repetição e exclamações são nomeação de objetos, pedido de objetos e descrições de ações ou estados. No período da extensão média do enunciado 2.0, o número de respostas desse tipo eliciadas por outras categorias semântico-pragmáticas cresce notavelmente. Conforme esperado, os enunciados responsáveis por esse acréscimo são fonologicamente imaturos, mas semântica e pragmaticamente maduros. Eles envolvem noções tais como lugar, posse e instrumento, que a criança, nesse período, já estabilizou lingüisticamente.

A evidência até agora examinada indica que o adulto encara o desenvolvimento fonológico como uma parte inseparável do desenvolvimento comunicativo. É interessante observar que as mães estudadas estabelecem limites para a aceitabilidade da pronúncia das crianças, sem, entretanto, deixar de respeitar as dificuldades dessas no ato da comunicação. Além disso, esses limites são indicados de maneira sensível e sutil. Não há correções explícitas. Há apenas tentativas de fornecer modelos ou de eliciar auto-correções, sempre que a atenção exigida não exceda à capacidade da criança. Quando ao efeito dessas técnicas 'pedagógicas', não há possibilidade de se oferecer uma avaliação no momento, mas vale assinalar a importância da questão para futuras investigações.

O quadro delineado acima torna-se ainda mais interessante quando nos voltamos para as teorias fonológicas que subjazem às objeções das mães à pronúncia das crianças. Cabe lembrar que, dentre os enunciados pertencentes a domínios semântico-pragmáticos em que as mães se sentem livres para impor restrições fonológicas, há um grupo que não é questionado, do qual cerca de 60% se adequa ao modelo adulto. Com

parando-se os 40% restantes com o grupo que desencadeia perguntas e repetições, conta-se que a aceitação desses 40% se baseia numa visão muito sofisticada do desenvolvimento fonológico. Essa visão enfatiza a preservação dos traços prosódicos e encara processos como a harmonia consonantal e vocálica como naturais e interpretáveis.

A evidência para a existência de uma tal sensibilidade da parte do adulto é a seguinte. Em primeiro lugar, assinala-se que as reduções de polissílabos que preservam o padrão acentual da palavra são aceitas sem hesitação. Formas tais como [ga'do] por 'gravador', [ˈmajkɐ] por 'máquina' e [kaj'ẽw] por 'macarrão' chegam a ser adotadas pelo adulto. Em segundo lugar, acrescenta-se que também se consideram normais as substituições de segmentos que se podem explicar pela propagação de traços a partir do começo ou do final da palavra. Assim, [ni'niz] por 'nariz', [sas] por 'alface' e [do'dutʃi] por 'iogurte' nunca são questionados ou corrigidos. Em terceiro lugar, observe-se que, no período da extensão média do enunciado 1.5, a maioria das restrições do adulto concerne a confusões estritamente locais entre segmentos que a criança já distingue na maior parte das vezes. Por exemplo, por ocasião da diminuição da incidência das anteriorizações de oclusivas na fala de um dos sujeitos, a mãe dessa respondeu com um "eim?" à realização [ˈpomɐ], por 'toma', embora a intenção da criança fosse perfeitamente clara. Em quarto e último lugar, note-se que os critérios de aceitação das mães se tornam mais severos no período da extensão média do enunciado 2.0, acompanhando, portanto, o progresso da criança. Nesse período, certas distinções que a criança está começando a dominar, tal como a oposição entre as fricativas palatais e dentais, desencadeiam, às vezes, repetições exclamativas. (E.g., a criança diz [ˈuʃu] por 'urso' e a mãe responde Urso ! Urso!) Além disso, tais repetições frequentemente concernem a minúcias que anteriormente eram ignoradas, tais como a omissão de consoantes de final de sílaba (e.g., a criança diz [ˈkɔdɐ] por 'corda' e a mãe responde 'Corda!').

Apesar da sua brevidade, as observações acima parecem suficientes para indicar que as mães estudadas são muito sensíveis ao curso natural do desenvolvimento fonológico, moldando as suas restrições à pronúncia das crianças de acordo com o crescimento dessas.

Os resultados aqui apresentados, ainda que preliminares, conferem novo suporte empírico à tese de que as crianças aprendem a falar em constante interação com o meio físico e social. Tal tese é hoje bastante popular entre os estudiosos do polo do sentido da linguagem infantil (e.g., Snow e Ferguson 1977, Ochs e Schieffelin 1979). Fornecer evidência adicional para essa visão a partir do outro polo da linguagem, isto é, o do som, é uma tarefa bastante complicada, pois pressupõe conhecimento de muitos outros aspectos do desenvolvimento comunicativo. Neste trabalho, meu objetivo foi estender o quadro de referência interacional ao estudo da fonologia infantil. O método pelo qual abordei essa tarefa padece das desvantagens típicas dos procedimentos naturalistas. Meu próximo objetivo é encontrar maneiras de restringir as observações nessa área, a fim de estender a sua validade. Espero, pois, que as observações

acima tenham sido suficientemente provocantes para que o leitor se sinta estimulado a se unir a mim neste esforço.

AGRADECIMENTO

Este trabalho não teria sido possível sem o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através dos processos nºs 1112.0729/76-CH e 300.909/81-CH-07.

Expresso aqui a minha gratidão pela contribuição desse Conselho para a minha formação profissional, assim como para as minhas pesquisas presentes.

NOTAS

1. Os procedimentos para calcular a extensão média do enunciado em português, nesse estágio, são os mesmos que os descritos por Bates (1976) para o italiano.
2. As respostas a perguntas são geralmente mais simples, do ponto de vista cognitivo, que os enunciados espontâneos. (Greenfield e Smith 1976). Além disso, as primeiras apresentam uma maior proporção de boa formação fonológica que os segundos (Maia 1981).
3. O critério para o julgamento de maturidade fonológica foi a identidade com a forma adulta em transcrição fonética larga.
4. Pesquisas sobre a transição da comunicação pré-lingüística para a fala (e.g., Greenfield e Smith 1976, Bruner 1975) revelam que a emergência da expressão lin-
güística dessas noções reflete a sua ordem de aparecimento no desenvolvimento sen-
sório-motor.
5. Isso corresponde ao período entre 19 e 21 meses na primeira criança e ao período entre 24 e 27 meses na segunda.
6. As respostas foram excluídas pelas razões expostas na nota 2.
7. A repetição do adulto quase sempre preenche lacunas e corrige as falhas da pronúncia da criança. Eis um exemplo típico:

Criança: ão ... vum! (simulando o voo do avião com a mão)

Adulto: O avião vum! (balançando a cabeça afirmativamente)

REFERÊNCIAS:

- BATES, Elizabeth (1976) - Language and Context: The Acquisition of Pragmatics. New York: Academic Press.
- BROWN, Roger (1973) - A First Language: The Early Stages. Cambridge: Mass: Harvard University Press.
- BRUNER, Jerome (1975) - The ontogenesis of speech acts. Journal of Child Language . 2 (1): 1-19.
- CHAO, Yuen (1973) - The Cantian idiolect: an analysis of the Chinese Spoken by a twenty-eight month old child. In Studies of Child Language Development, ed. Charles Ferguson e Dan Slobin, págs. 13-33. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- GREENFIELD, Patricia e Smith, Joshua (1976) - The Structure of Communication in Early Language Development. New York: Academic Press.
- MAIA, Eleonora (1981) - Semantico-pragmatic factors in the acquisition of phonology. Unpublished paper. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- OCHS, Elinor e Schieffelin, Bambi, ed. (1979) - Developmental Pragmatics. New York: Academic Press.
- SNOW, Catherine (1977) - Mother's speech research: from input to interaction. In Talking to Children: Language Input and Acquisition, ed. Catherine Snow e Charles Ferguson, págs. 30-50. Cambridge: Cambridge University Press.
- SNOW, Catherine e Ferguson, Charles, ed. (1977) Talking to Children: Language Input and Acquisition. Cambridge University Press.
- YENI-KOMSHIAN, Grace, Kavanagh, James e Ferguson, Charles, ed. (1980) Child Phonology- New York: Academic Press.